

# Exemplo de uma prática Pedagógica: Metamorfose e representação de um objeto

*Narratives, images and citizenship sounds:  
an artistic experience in a Brazilian community*

JORGE MIGUEL RODRIGUES PINHEIRO ARAÚJO\*, FRANCISCO DINIZ\*\*  
& MARIA CONCEIÇÃO RAMOS\*\*\*

Artigo completo submetido a 7 de Maio e aprovado a 23 de maio de 2015.

\*Portugal, Licenciatura Artes Plásticas-Pintura, Faculdade Belas Artes, Universidade Lisboa. Master Fine Arts — College Fine Arts, University New South Wales, Sydney Australia.

AFILIAÇÃO: Universidade Lisboa, Faculdade Belas Artes. Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal. E-mail: jorgemrparaujo@hotmail.com

\*\*Portugal. Licenciatura Artes Visuais — Pintura, Escola das Artes, Universidade de Évora.

AFILIAÇÃO: Universidade Lisboa, Faculdade Belas Artes. Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal. E-mail: franciscodiniz\_10@hotmail.com

\*\*\*Portugal, Professora, Artista Plástica. Doutoramento Educação Artística: Universidade Barcelona. Licenciatura: Artes Plásticas Pintura — Faculdade Belas Artes, Universidade Lisboa.

AFILIAÇÃO: Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho. R. Rodrigo da Fonseca 115, 1099-069 Lisboa, Portugal. E-mail: mcf\_ramos@hotmail.com

**Resumo:** Este artigo expõe o exemplo de uma prática pedagógica que utiliza um projeto como fio condutor da exploração de diversos conteúdos curriculares. Relatamos o exemplo de uma prática que se adapta às circunstâncias de modo integrativo, através da transdiscipli-

**Abstract:** This article presents project pedagogy as the basic element and thread for the various disciplinary contents. We describe a practice of versatility for a flexible holistic mind, which conducs to holistic knowledge. Associated to the concepts of transdisciplinarity, inclusion, action re-

naridade, inclusão, investigação-ação, trabalho colaborativo e evolutivo, como resposta a atuais desafios do ensino.

**Palavras-chave:** pedagogia de projeto / transdisciplinaridade / trabalho colaborativo / metamorfose / representação.

*search and collaborative work, this pedagogy may be a response to the current pedagogic challenges.*

**Keywords:** *project pedagogy / transdisciplinarity / collaborative work / metamorphosis / representation.*

## Introdução

Algumas questões referentes a modelos pedagógicos atuais deverão ser analisadas com o intuito de assegurar a sua compatibilidade com as necessidades correntes. Este processo passa por repensar o conceito de aprendizagem participativa, de modo a reestruturar a organização de propostas de trabalho, tendo em conta uma maior interdisciplinaridade.

Luís Correia (2006) citando Andy Hargreaves, refere:

*[...] a questão central da nossa escola reside no confronto entre duas poderosas forças: (i) de um lado o crescimento imparável de um mundo pós-moderno, caracterizado por uma mudança em progressiva aceleração, uma intensa compressão do tempo e do espaço, um mundo caracterizado pela diversidade cultural, pela complexidade tecnológica, pela insegurança e pela incerteza; (ii) do outro lado um sistema escolar monolítico, que persegue propósitos anacrónicos, assente em estruturas marcadas pela opacidade e pela rigidez (Correia, 2006: 4).*

Tendo em conta tal cenário, propomos a utilização de projetos pedagógicos transdisciplinares como forma de exprimir uma resposta viável a desafios no ensino atual.

Assim sendo, o presente artigo tem como objectivo a discussão de conceitos referentes a esta problemática, nomeadamente a utilização de uma pedagogia de projeto como fio condutor, mediante uma prática transdisciplinar, e construtiva. Procura-se debater questões que remetem para o conceito de trabalho colaborativo e sociológico.

Através da pedagogia de projeto, conjugaram-se os diversos conteúdos programáticos da disciplina num trabalho que evoluiu do individual para o colaborativo, através da integração das diferentes perspectivas específicas na unidade didática. Mediante as necessidades foram tomadas decisões referentes a metodologias a ser utilizadas, que por sua vez se basearam na observação dos comportamentos dos alunos, e na relação que desenvolveram com os processos. O artigo visa também evidenciar o facto de que as disciplinas artísticas

deverão ter um papel fundamental na criação e implementação de projetos de carácter colaborativo e interventivo.

## 1. Enquadramento teórico

### 1.1 A prática pedagógica transdisciplinar e de projeto

Atualmente deparamo-nos com uma estrutura pedagógica que evidencia a hierarquia e o enquadramento estanque do saber em diversos sectores imóveis. Contudo ao analisar esta questão consideramos relevante referenciar o facto do ser humano ser um sistema complexo composto por diversas integrantes interativas, nomeadamente a psíquica, afetiva, racional, e social” (Morin, 2000: 6). Uma forma de potenciar a liberdade, a autonomia, e a individualidade, poderá passar pela implementação de projetos pedagógicos que estimulem este sistema complexo.

Através da implementação de projetos, o professor incentiva e cativa a participação ativa dos alunos, privilegiando o desenvolvimento de competências funcionais. Tendo em conta Perrenoud, o professor deverá praticar um permanente reorganizar dos objetivos gerais e explicita aos alunos, as etapas e prioridades que se sucedem (Perrenoud, 1993: 84-86).

Ao por em prática um projeto, há que ter em conta várias questões, como a de formular uma linha de atuação indicada, e definir quais as sequências de tarefas a adotar. Deverá também definir-se quais os recursos mais eficazes para que os aluno retenha os conteúdos pretendidos. Há que tentar ordenar a ação de modo a que os objetivos e estratégias de avaliação se complementem. Este processo deverá ser feito mediante uma reedificação do currículo tendo em conta as diferentes realidades e prioridades que advêm da prática.

A transdisciplinaridade apresenta-se como uma concepção planificadora e uma forma de percepção da realidade conjunta na sua total complexidade, que ultrapassa o mero somatório das disciplinas individuais. É uma área fértil para o desenvolvimento da criatividade a nível de inter-relações.

O seguinte esquema por Ari Paulo Jantsch, citado por Theophilo Roque (s.d.), apresenta as relações na transdisciplinaridade, dando-nos uma visão do que poderá ser o trabalho colaborativo, no qual vários sistemas se conjugam em prol de um objectivo maior.

### 1.2 Inclusão

Tendo em conta o alargamento da escolaridade obrigatória há que dar prioridade a processos de aprendizagem inclusivos que possam potenciar o aproveitamento escolar de modo a elevar os índices de aproveitamento. “É fundamental

proporcionar didáticas que fomentem as relações entre os indivíduos, baseadas no respeito pela singularidade individual. A escola como espaço de socialização, tem um papel muito importante no desenvolvimento da cidadania, baseada no respeito pelos pares, evitando a anulação dos sujeitos, prevenindo a violência” (Ramos, 2013: 99-118).

Assim sendo cabe aos professores ser os veículos de um processo de inclusão que faça face aos desafios da diversidade. Os projetos curriculares e de intervenção levam à participação ativa do aluno num processo que é traduzido em fortes ganhos individuais e coletivos, assim como em aprendizagens significativas. Por vezes, os projetos contribuem substancialmente para uma melhoria dos índices de motivação.

Há que realçar também a importância da cooperação entre alunos, em detrimento de processos competitivos (Perrenoud, 1993: 84).

### **1.3 Investigação-ação : do trabalho individual ao colaborativo**

A aprendizagem é um procedimento complexo feito de inter-relações, no qual os alunos se apropriam de métodos para questionar, pesquisar, e experienciar narrativas de orientação. O professor tem que ser capaz de motivar uma investigação baseada na ação, com bases no conhecimento teórico promovido na sala de aula, assim como estimular uma reflexão contínua do processo.

Valle refere “(...) a frequente necessidade de redirecionar, redefinir e alterar o que inicialmente foi planificado ou mesmo problematizado” (Valle & Bourdieu: 2008: 100). Rever e pôr em causa mediante uma reflexão constante e presente na ação, é fulcral para a implementação eficaz de uma pedagogia de projeto de sucesso. Alarcão salienta a “(...) capacidade de leitura atempada dos acontecimentos e sua interpretação como meio de encontrar a solução estratégica mais adequada (...). Exige cooperação, olhares multidimensionais e uma atitude de investigação na ação e pela ação.” (Alarcão, 2001: 24). Flexibilidade, versatilidade, e transversalidade, são as características chave que o professor terá de adotar, para além de uma postura não convencional e de convicção estancada em metodologias específicas.

Há que ter em conta a complexidade do ser humano referida anteriormente. As metodologias quantitativas terão de ser aplicadas com flexibilidade, de modo a respeitar essa complexidade. Se adotarmos uma postura atenta às realidades, estaremos sensíveis às necessidades de mudança assim como às transformações necessárias.

Aqui se enquadra o método utilizado neste projeto, no qual se evidencia a metamorfose representacional e evolutiva de um objecto, tendo em conta um



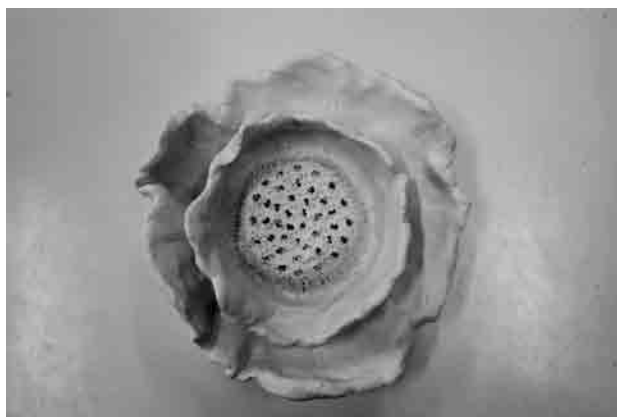
**Figura 1** · Transdisciplinaridade: modelo de Jantsch. Fonte: Roque (s.d.).

conceito de interdisciplinaridade. Esta ação parte de uma proposta individual e evolui posteriormente para um contexto colaborativo e interventivo.

A inserção das reflexões individuais num contexto coletivo, de equipa e de relação com os outros, é fundamental para o processo de aprendizagem do aluno. Por outro lado há que salientar que os percursos isolados trazem perspetivas egocêntricas nada benéficas para o coletivo, tendo em conta a responsabilidade social de fomentar a solidariedade e respeito pelo espaço público comum.

## 2. Descrição da Prática

Na nossa sala de aula é utilizada uma metodologia associada a um projeto evolutivo e transdisciplinar, que por sua vez se interliga a um processo de investigação-ação contínuo, fundamentado no trabalho colaborativo entre os alunos. Exploram-se métodos de sensibilidade que fortalecem a confiança e os afetos entre os participantes. Este método impõe-se a ótica mais tradicionais, referentes currículos estáticos, vagos, e repletos de institucionalizações educativas. A visão do professor como guia sensível que observa atentamente os seus alunos, com um “olhar vigilante de sociólogo”, leva-o com naturalidade á implementação de um projeto evolutivo e rítmico que apela ao aperfeiçoamento e á motivação, assim como ao desenvolvimento da literacia visual e da expressividade interior. A sensibilização e consciência inerentes à transdisciplinaridade e colaboração entre alunos irão por sua vez dar origem ao desenvolvimento cognitivo, simbólico e interpessoal, tornando as suas esferas multidimensionais holísticas mais complexas. Assim sendo a identidade torna-se mais rica, compreensiva, empática, imagética, expressiva, construtiva e crítica, desenvolvendo-se igualmente o espírito de união e entajuda transpessoal.



**Figura 2** · Representação a grafite da sombra projetada de uma flor. Fonte: própria.

**Figura 3** · Representação tridimensional do objeto. Fonte: própria.

Cada aluno acabou por desenvolver o seu processo criativo através de trabalho colaborativo. Esta entreajuda faz com que o resultado final seja marcado por uma visível diversidade onde é evidente a afirmação pessoal e o crescimento individual. As aprendizagens indiretas demonstraram-se enriquecedoras devido a esta variedade, num processo contrario a uma ideologia teórica e/ou estética adotado por alguns professores que acaba compactar as experiências sensíveis dos alunos.

## 2.1 O Projeto *Jogos de Representação* (2014/15): A Flor

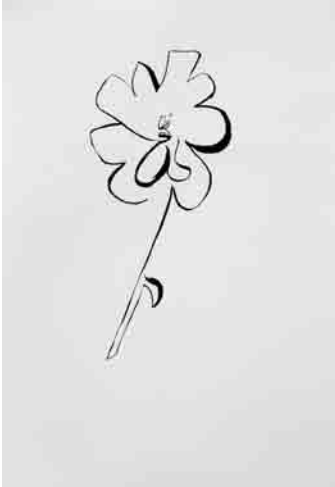
Seguindo os passos que foram definidos pelos alunos consoante as suas necessidades de exploração plástica, este projeto decorreu do aprofundamento da expressão própria de cada um, em conjunto com uma tentativa de incentivo de enriquecimento da linguagem visual, referente à representação do objeto. Esta representação transforma-se perante as decisões sensíveis.

As aulas desenvolveram-se por fases na qual gradualmente se iam transmitindo os pontos essenciais de forma dinâmica e consciente, incorporando nos próprios exercícios os elementos para compreensão e aquisição de competências desde os princípios materiais e suportes relativos ao início das atividades, até ao entendimento e experimentação dos seus valores pictóricos. A professora foi apenas o gestor das ideias base e dos percursos facilitadores a atingir, proporcionando assim aprendizagens essenciais à criação, gerando uma estrutura “esqueleto” de um projeto que engloba de forma organizada a totalidade das abordagens curriculares pretendidas e à qual os seus alunos se abrem a explorar.

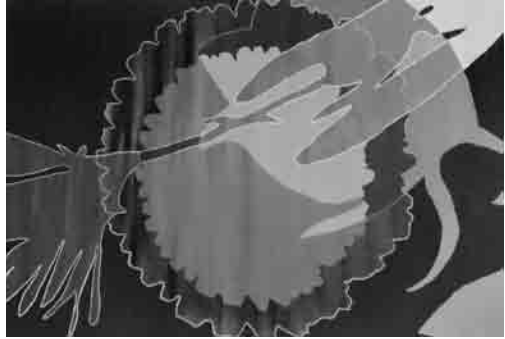
Os exercícios foram realizados seguindo a ótica do decorrer de um projeto baseado na metamorfose de um elemento natural (flor), que se desenrolou de forma escalonada do seguinte modo:

1. Registo direto do elemento escolhido (grafite);
2. Estudo das silhuetas e do conceito de figura-fundo (diferentes graduações de sombras);
3. Simplificações, gestualidade e a importância das linhas de esboço (tinta da china);
4. O espaço tridimensional (arame e barro);
5. Valores de claro-escuro (carvão e giz);
6. A animação da imagem (Flipbooks e vídeo);
7. Painéis realizados em trabalho colaborativo.

Os alunos iniciaram o exercício com a representação da realidade observável de uma flor, que cada um por si selecionou e levou para a aula. Este foi



**Figura 4** · Fotografia de projeção do objeto.  
Fonte: própria.



**Figura 5** · Representação do objeto  
a tinta-da-china. Fonte: própria.

**Figura 6** · Trabalho coletivo de representação  
do objeto. Fonte: própria.



um exercício de visualização e descrição direta de um objeto natural, vivo, sem quaisquer alterações formais ou dicas representativas.

Em seguida passaram a estudar a imagem negativa e as sombras da mesma imagem. Primeiro através de pequenos estudos com papel vegetal, de onde retiraram os recalcamentos da silhueta do desenho realizado inicialmente. Passando por um estudo dos diversos tipos de grafite, e a compreensão da gama de possibilidades estéticas formais que podem adquirir com cada uma destas gradações, passaram ao entendimento e representação das escalas (no desenrolar do mesmo exercício). Repetiram-na diversas vezes sobre essa superfície, pois tinham como trabalho o preenchimento de cada uma dessas formas com uma diferente dureza de grafite, de modo uniforme, criando um conjunto ou jogo de sombras distintas.

A ideia de figura-fundo ficou aqui de certa forma esboçada com a introdução feita pela professora da artista portuguesa Lourdes Castro. As suas representações simplificadas de figuras relacionadas com as sombras, permitiram a aproximação da ideia de tridimensionalidade dos objetos desenhados pelas mãos, tanto quanto revelam as propriedades plásticas da luz.

Os aspetos físicos e biológicos subentendidos nesta matéria, quase falados de forma mágica pela professora Conceição Ramos, levaram os alunos a se aproximarem da compreensão da expressividade, não só das flores que observavam e estudavam, mas também da sua própria expressão individual interior.

Seguindo os passos do exercício anterior, de análise morfológica do objeto de estudo observado, e de forma a prenderem a visão global da estrutura, passou-se a um exercício de maior complexidade.

Seguindo as indicações contínuas da professora, partindo do desenho bidimensional da sua flor, os alunos construíram um modelo tridimensional, após a elaboração de alguns esboços em arame fino e em barro. A ideia da transformação de um desenho bidimensional num objeto tridimensional numa transição de planos, tem como objetivo a compreensão mais detalhada dos volumes e das formas. Nesta altura foi exibido o trabalho do escultor e desenhista Henri Moore, que tinha acentuado interesse por esta mesma transição de dimensões e exploração das formas volumétricas. Com ele entendemos como o desenho pode ser um método de projeção para outros ramos como a formação tridimensional de objetos. Aprendemos também que as figuras podem ser delineadas sobre os seus traços principais, e que a extensão desta área que é o Desenho, com as suas características e visibilidades inerentes, podem tornar-se mais completas.

Foi após esse estudo tridimensional que voltámos á folha de papel.

As flores feitas em arame foram postas em cima de um projetor de luz onde

cada aluno procurou uma posição adequada para fotografar as projeções resultantes. Partindo dessas imagens (um tanto abstratas), foram realizadas pinturas a tinta-da-china sobre papel kraft.

Este exercício teve duas etapas. Uma em pequenas dimensões onde eram feitos estudos sobre o novo material e sobre o espaçamento na folha, e outro de grandes dimensões onde, utilizando como utensílio o cabo de uma vassoura, onde era preso o pincel, os alunos desenhavam a forma resultante das projeções distanciando-se da folha.

O interesse a retirar deste método, para além do acréscimo de um novo material às suas linguagens possíveis, é o fato da gestualidade corpórea acompanhar as linhas que eram expressas, e o fato da distância da mão até onde eram impressas essas linhas, levar a um menor controlo sobre o resultado que iam obtendo. De certa forma, a gestualidade aérea originava a imagem pretendida. Dá-se uma espécie de libertação das ações contidas e cautelosas, ou demasiado aprendidas, que os jovens têm sobre o seu próprio desenho, levando-os a entender mais partes de si mesmos e daquilo que podem realizar. As espessuras dos traços por eles realizados têm como objetivo adotar a realidade e perspetiva da flor e dos seus volumes.

O exercício seguinte voltou ao estudo dos claro-escuros. Nesta fase foi-lhes pedido para trazerem carvão para que preenchessem as suas folhas de negro. Em seguida o objetivo era retirar do negro a sua flor através dum médium claro (giz, borracha...). Aqui é-lhes dado a entender a luz, uma vez mais, mas de maneira a compreenderem-na como parte formal, ou seja, que apenas os valores da luz são capazes de definir um objeto. Estando as sombras já delineadas pelo negro da folha, é a luz que vai agora produzir o desenho, enriquecendo assim uma linguagem de gradeamentos possíveis.

A evolução do nosso projeto não ficou por aqui. Alargámos os horizontes para a animação da imagem com a realização de *Flipbooks*, que posteriormente deram origem a curtas-metragens. A compreensão de que o processo de exibição contínua de várias imagens sucessivas e consequentes, dá origem a uma história ou ação, compõem mais um meio de expressão e de enriquecimento que foi exposto aos alunos.

Através deste processo continuo e encadeado de exercícios interligados, atingiram-se diversas respostas para um desafio complexo de aquisição de conhecimentos. Seguindo um fio que condutor e construindo uma narrativa acompanhada, acaba-se por quebrar ideias fixas sobre o que pode resultar do desenho e de um projeto. Ultrapassando os espaços disciplinares e formulando uma maior base de pesquisa de conhecimentos múltiplos, o aluno é guiado até

uma organização e planeamento firme, o que origina maior motivação, maior persistência, e flexibilidade.

O último exercício pôs à prova a capacidade de fruir coletivamente tendo em vista a coletânea de todos os trabalhos e aprendizagens realizadas ao longo do ano. Com a realização de painéis de papel cancelado, cujas decisões foram autogovernadas pelos grupos que se formaram, cria-se no espaço da sala de aula um diálogo criativo e tolerante regido pelos hábitos naturais da socialização, abrangendo diversos níveis de realidade regidos por lógicas diferentes. Este método representa também um modo de fazer face às tendências heterogêneas presentes no nosso mundo contemporâneo, através de uma didática ativa onde cada aluno transmite aos demais o que adquiriu ao longo de todo o ano letivo.

## 2.2 Exposição e Avaliação

Com o término de todas estas atividades que seguiram progressivamente, os alunos realizaram uma exposição final para a divulgação dos seus trabalhos que por sua vez irá exibir os recalques individuais relativos às aprendizagens qualitativas feitas. Esta fase do projeto faz parte da avaliação, um processo a que os próprios alunos vão estando sujeitos ao longo do ano letivo, através de um diálogo contínuo e apreciativo com a professora. Conseguem assim uma consciência de autoavaliação e autorregulação, não só referente aquilo que aprenderam, mas também às suas práticas sensíveis, e experimentais.

Pode dizer-se então, que os períodos de avaliação serviram substancialmente para o aluno adquirir uma maior consciência sobre a sua prática, fomentando uma maior consciência crítica quanto à autenticidade e sensibilidade estética.

## 3. Metamorfose

Segundo Schopenhauer (1819), o objeto é “tudo o que existe para o conhecimento, não sendo o mundo inteiro mais que um objeto em relação a um sujeito, uma visão de quem vê, em suma, representação”.

Poder-se-á dizer que o desenho na sua pluralidade funciona como uma matriz diversificada que constitui uma linha ondeante em todo o seu percurso, atuando como matriz universal, estrutura e invenção exploratória de técnicas e registos gráficos e de materiais, desde o natural e espontâneo ao premeditado e projetado. Deste modo poderemos considerar a prática do desenho, a chave da representação, pois apela e ensina o processo de simbolização responsável pela transformação da forma e condensação dos significados (metamorfose), que podem por sua vez ser mutáveis.

Em torno da experimentação de diferentes matérias e meios desenvolvidos

durante este projeto, criaram-se novos sentidos que abrem uma nova ordem na produção de composições. A forma e estrutura de cada desenho podem transformar-se e transformar a própria ação de desenhar, criando a ideia de um organismo em crescimento no qual se diferencia a origem ou a ideia inicial, dos estados que decorrem da ação de desenhar. Neste processo afluí uma espécie de progressão entre o que gera o ato de desenhar e as memórias e experiências que se vão reinventando. Assim, os trabalhos realizados para o projeto, dão-nos conta de uma comprovada experimentação no exercício de desenhar, rompendo cristalizações, e alterando o modo de observar. Esta ação proporciona a procura de novas formas de ser através de uma educação sensível.

O desenho em si promove sentidos e sensibilidades que possibilitam a mudança para a descoberta de algo novo, gerando possibilidades, percebendo novos significados e caminhos, fazendo com que haja um salto criativo de formas preceptivas e conscientes que atribuem qualidade à existência.

#### **4. Conclusão**

Este laboratório vivo demonstrou ser uma experiência que ultrapassa os limites da sala de aula, onde são inovados e apontados caminhos que rompem com a dicotomia entre sujeito e objeto.

As práticas apresentadas levaram os alunos a atingir uma maior compreensão dos valores elementares e estruturais do desenho, para além de os levar a construir os seus próprios conceitos transmissores. Podemos afirmar que se gerou uma nova consciência em sala de aula. A compreensão de diversos níveis de realidade distinta, a aquisição de competências que guiam à exploração dinâmica desses mesmos níveis de forma curiosa, guiou-os aos seguintes pontos que consideramos fundamentais:

1. Intenção experimental e questionamento sensível;
2. Planeamento e flexibilidade mental;
3. Sensibilidade e originalidade;
4. Apreciação interdisciplinar e crítica argumentativa.

Podemos afirmar que se gera um poder emancipador com a obtenção de um conhecimento holístico e multidimensional que procura a união harmónica entre o biológico e o físico, o psicológico e o expressivo, o individual e o coletivo. A realidade não se pode fechar numa caixa, pretende-se pois uma unificação semântica e operativa. O trabalho colaborativo entre alunos, defendido através desta metodologia de projeto, demonstra o quanto é necessário o Homem

entender-se como ser integral saindo da sua unidade. Esta questão remete-nos para os Direitos Humanos éticos e morais, e o objectivo de alcançar a compreensão e respeito absoluto pelas diferenças intrínsecas á sociedade contemporânea. A exclusão é o empobrecimento.

Constatámos visivelmente que tanto os produtos finais como as ações em aula realizadas pelos nossos alunos desenvolveram a autoestima, a sensibilidade, a motivação, a persistência, a curiosidade, a tolerância, e a organização. Estes são fatores que valorizam a escola, trazendo-lhe contemporaneidade através de uma metodologia que poderá representar ser uma resposta geradora de mudanças nas práticas educativas.

### **Referências**

Alarcão, Isabel (Ed.) (2001) Porto Alegre: Artmed.

Correia, L. M. (2006) . Coleção Necessidades Educativas Especiais. Porto: Porto Editora.

Morin, E. (2000) . São Paulo: Cortez.

Perrenoud, P. (1993). Lisboa: Dom Quixote.

Ramos, C. (2013). . Disponível em:

<http://moodle.esmavc.org/mod/resource/view.php?id=21470>, consultado em 15 de Setembro de 2013, de Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho.

Schopenhauer, A. (1819), . Leipzig: Brockhaus.

Valle, I. R., Bourdieu, P. (2008). . In Bianchetti, L, Meksenas, P.A. In I. R. Valle, (Org.) . (pp. 99-118). Campinas: Papirus.